

A Reestruturação do capital, desenvolvimento local e o mercado de trabalho formal em Macaé

Avance de investigación en curso

GT 07- Desarrollo territorial y local: desigualdades y descentralización

Márcia da Conceição Silva ¹

RESUMO:

Analisar a dinâmica do mercado trabalho formal, em Macaé-RJ, no período 1995 a 2008. A metodologia caracteriza-se pesquisas bibliográficas e análise estatística obtidas no Ministério do Trabalho Emprego e IBGE.

O início da operação da Petrobras coincidiu com a reestruturação produtiva cujo mundo ainda vivencia, observando-se uma mudança espacial do pólo industrial estadual. Macaé tornou-se principal cidade de exploração petrolífera no país e, em virtude de sediar muitas unidades produtiva necessários à cadeia petrolífera, é “capital brasileira do petróleo”. No entanto, vivemos na lógica do capital, que cria e recria o espaço necessário para sua reprodução, este tornou-se específico para atividades econômicas ligadas ao setor petrolífero, a lógica capitalista impõe condições de configurações espaciais visando atender suas necessidades curto prazo.

Palavras chaves: Mercado de trabalho formal. Desenvolvimento local. Macaé **Introdução**

Falar sobre desenvolvimento econômico local, em um dos municípios mais ricos do Brasil seria algo indevido caso não estivéssemos inseridos no modo de produção capitalista. No entanto, cabe a nós pesquisadores a tarefa de apontar e sinalizar como esta desenvolvimento ocorre e no caso específico de Macaé, entender a dinâmica socioeconômica que perpassa toda a realidade local, para que possamos entender a especificidade do funcionamento do mercado de trabalho formal local para a compreensão da dinâmica regional.

Nosso aporte teórico-metodológico se fundamenta na teoria marxista, uma análise histórica materialista, onde com dado estatístico, através de séries históricas, tentamos realizar análises das relações sociais, onde este dado quantitativo será apropriado de forma a fazer a mediação com a realidade concreta.

Os dados utilizados foram retirados, em sua maioria, do banco de dados do Ministério do Trabalho e emprego (MTE), IBGE, e pesquisas bibliográficas já realizadas a respeito. As variáveis adotadas neste trabalho foram dos setores de atividade utilizados pelo IBGE, a saber: extrativismo mineral, indústria de transformação, serviços industriais de utilidade pública, construção civil, comércio, serviços, administração pública e agropecuária. Como nosso recorte se dá no mercado de trabalho formal, foram analisadas outras variáveis para que pudéssemos compreender a dinâmica de

¹ Bacharel em Ciências Sociais(UERJ),Mestre em Sociologia e Direito (UFF), Doutora em Serviço Social (UERJ) , Coordenadora dos grupos de pesquisa inscrito no CNPQ: Observatório do Mercado de Trabalho, e Trabalho, Política social e reprodução social, Profª. da Universidade Veiga de Almeida (UVA) – RJ.Brasil, Contato: mc.silva@globocom

cada setor da economia já apontado, foram estas: gênero, faixa etária, tamanho do estabelecimento e número de empregados.

Escolhemos um período de pouco mais de dez anos, por compreender que houve mudanças estruturais neste intervalo, de 1995 a 2007. Em 1995, o Brasil estabeleceu uma “reforma” do Estado, fato que impactou empresas nacionais, como o caso da PETROBRAS, e esta “contrarreforma” apontada por Behring (2003) criou condições objetivas para que o projeto ideo-político do neoliberalismo se consolidasse no Brasil, determinando o modelo de privatizações, reforma nas leis laborais e consolidação da prática de terceirização como forma de contratação, tanto do Estado quanto de empresas públicas e/ou privadas.

Em 1997 foi aprovada uma lei no Congresso Nacional, a lei nº 9.478, de 6 de agosto de 1997, que ficou conhecida como “lei do petróleo”, a qual estabeleceu o fim do monopólio da União, nas atividades relacionadas à exploração, produção, refino e transporte do petróleo no Brasil. Com isto, estava aberta a possibilidade de muitas empresas internacionais se instalarem em Macaé e uma das dimensões que sofreu forte impacto foi o mercado de trabalho local. Este processo se deu, entre outros motivos, pela própria necessidade de mão de obra qualificada, como também pelo incremento da dinâmica populacional, a qual vem em busca de ocupações no mercado de trabalho. O crescimento econômico gerou impacto demográfico acarretando grandes contrastes sociais como podemos observar quanto a falta de moradias, uso predatório do litoral, entre outros.

Nosso objetivo principal é assinalar o desenvolvimento econômico local percebendo a forte desigualdade social existente, e relacionar esta desigualdade com o mercado de trabalho formal do município, posto que, como a cidade é conhecida como “Capital do petróleo”, onde se extrai 85% de todo o petróleo consumido no país, torna-se polo de atração de mão de obra das mais variadas regiões, não só do Brasil, como de toda América Latina, e os postos de trabalho ligados a indústria petrolífera requer qualificação determinada, fato que corrobora para o aumento das desigualdades sociais, analisaremos estes aspectos.

O Município de análise encontra-se localizado no Norte Fluminense, sendo esta divisão de cunho político geográfico, e é composta por nove municípios. As maiores cidades são Macaé e Campos dos Goitacazes consolidando-se como polos regionais dos demais municípios. A comparação feita com a cidade de Campos, bem como com a região norte fluminense, em alguns aspectos, é para termos a dimensão do crescimento expressivo de Macaé, objeto de nosso estudo.

A interiorização da economia fluminense com a indústria petrolífera

Com a descoberta do petróleo na Bacia de Campos e, principalmente, com a “flexibilização” do regime brasileiro da atividade petrolífera, através da lei 7497/98, vivenciamos um impacto sem precedentes na região Norte Fluminense, no município de Macaé, bem como nos municípios limítrofes a este.

O perfil da população trabalhadora local, sofreu grande transformação uma vez que região passou a ser grande polo de uma das maiores empresas de extração de petróleo do mundo, a PETROBRAS. O fluxo de pessoas que trabalham em diversas atividades da cadeia do petróleo oriundas de outros estados e países passou a ser constante, principalmente em Macaé devido a este município sediar a maior parte do complexo industrial tanto petrolífero quanto de segmentos industriais necessários à cadeia produtiva da extração do petróleo e gás.

Para efeito comparativo sobre o crescimento do mercado de trabalho formal em Macaé, estado do Rio de Janeiro, e o país, apresentamos a seguinte tabela:

Tabela nº1 Taxa de crescimento do emprego formal (1999-2000)

Localidades	Tx. de cresc.
Macaé	15,3
Rio de Janeiro (Estado)	2,6
Brasil	3,2

Fonte: Observatório Socioeconômico, Boletim nº 13

Observa-se que o emprego formal em Macaé, logo após a quebra do monopólio da Petrobras, cresceu quase cinco vezes mais que a média do país.

A indústria do petróleo se baseia num grande investimento de capital fixo, sendo o lucro diretamente proporcional à utilização da capacidade instalada. (Crespo, 2003,p.250). Logo, a cidade de Macaé também cresceu, não só pela instalação direta das indústrias quanto pelo dinheiro que movimentava a cidade. A produção da Bacia de Campos fornece 80% da produção nacional (terra e mar) e 95% da produção *offshore*, sendo que esta última representa 85% da produção total (Fauré,2008.P.148).

O aparecimento e crescimento de indústrias de transformação, como siderúrgicas e o expressivo crescimento da construção civil são exemplos do *boom* do crescimento econômico da região. A nova estrutura industrial na região, a qual realoca atividades que eram características do município do Rio de Janeiro, transformou o perfil deste município e arredores.

A ideologia neoliberal que se consagrou junto a esta nova etapa do capitalismo defende justamente um Estado fraco para os interesses das políticas sociais e forte para os interesses do capital. Verificamos um desmonte das instituições que gerenciavam e centralizavam a estrutura estatal, Dias (2005;32) remete esta discussão para a questão da revalorização do conceito de desenvolvimento local, onde as escalas local e global ganham importância em detrimento da escala nacional. Contudo, tanto Dias (2005) quanto Fauré e Hasenclever et al (2004;16) não consideram a escala local como única a ser relevada, mas duas razões, que mencionam, não podem ser desconsideradas:

“(…)o processo de globalização das economias - entendido aqui como a expansão mundial das formas mercantis e a interdependência crescente dos diferentes mercados- tendem a relativizar o nível nacional-estatal das economias e, paradoxalmente, a reaproximar as escalas globais e locais. (...) Por outro lado, o processo de descentralização administrativa e política deu as coletividades locais - os municípios- meios, competências jurídicas e, finalmente, responsabilidades importantes em matéria de desenvolvimento local”. (Fauré e Hasenclever et al 2004;16 apud Dias 2005;33)

A partir, principalmente, da década de 80 a teoria do desenvolvimento endógeno passou a ser muito difundida, conforme Piquet (2003;221):

“(…)a taxa de crescimento de um determinado país, de uma região ou até mesmo de uma cidade é considerada função da acumulação de capital físico, de capital humano e de conhecimentos que essa coletividade possa realizar. Postula-se que o crescimento deva ser gerado localmente, com base nas cidades, cabendo aos governos locais assegurar a oferta de equipamentos, baixar os custos tributários e conceder subsídios, a fim de oferecer um ‘ambiente adequado’ ao capital, de modo a que as empresas para aí se dirijam.”

Para percebermos as mudanças estruturais que ocorreram na cidade implica analisarmos este crescimento focado na atividade totalmente nova nesta região, a exploração do petróleo. Houve importante aumento no PIB municipal, repasses governamentais (*royalties* e participação especial), além do crescimento acelerado da cadeia petrolífera, a qual é definida como infraestrutura produtiva *offshore* e *onshore*². Macaé passou a ter visibilidade não apenas no cenário local, mas, também, internacionalmente, propiciando grandes mudanças no tamanho e no tipo das empresas e no emprego.

Com o crescimento da produção de petróleo houve um adensamento do arranjo produtivo no setor de petróleo e gás e, principalmente após a “lei do petróleo”, novas empresas, principalmente multinacionais, instalaram-se em Macaé devido à grande demanda por mão de obra especializada.

Macaé se destaca como principal município empregador de todo o interior fluminense, devido a esta dinâmica do setor produtivo de petróleo e gás. Porém, este arranjo produtivo já está indo para além de seus limites municipais. Rio das Ostras é o município vizinho já é o segundo polo de indústrias do setor.

Observamos que a o arranjo produtivo de Macaé, ligado ao petróleo e gás está desenvolvendo outras atividades e modificando sensivelmente tanto a base econômica quanto a estrutura espacial do litoral Norte Fluminense. Dias (2005)

Outros recursos que ajudaram o desenvolvimento da região foram os pagamentos vultosos dos *royalties* e das participações especiais³. Estes recursos ajudam a região a ser um “chamariz” de migrantes, pois há de fato um enriquecimento do local, fato que gera efervescência econômica. Porém, os empregos não são para todos e chegam a Macaé, todos os dias, migrantes qualificados e não qualificados Neto (2006).

Outra característica dessa região, que está sendo bem explorada pelo turismo, trata-se de suas belezas naturais. O mercado imobiliário sofreu forte especulação, em Macaé os imóveis tem alto custo, sendo que um dos metros quadrados mais caros do Estado está na praia de Cavaleiro, em Macaé, (Oliveira 2003 apud Neto 2006). Outros recursos que ajudaram o desenvolvimento da região foram os pagamentos vultosos dos *royalties*. Este recurso ajuda a região a ser um “chamariz” de migrantes, pois há de fato um enriquecimento do local, fato que gera efervescência econômica. Porém, os empregos não são para todos e chegam a Macaé, todos os dias, migrantes qualificados e não qualificados Neto (2006).

De forma geral, os espaços urbanos, entendendo-os como o *locus* principal de concentração humana apresenta as múltiplas determinações que engendram a contradição Capital x Trabalho, sendo assim, é o espaço principal para observar todos os aspectos da “questão social”. Estes espaços urbanos são marcados pelo esfacelamento das relações sociais podendo ser caracterizados pelo aumento da marginalização de determinadas classes sociais (Guidugli, 2004;71).

Esta segregação é devido a vários fatores que a própria rapidez da mudança espacial, na economia local, impõe. O processo migratório é forte e muitos trabalhadores vem atrás de emprego formal, acesso ao consumo, possibilidades de ascensão social e normalmente chegam mais trabalhadores do que é necessário, gerando um exército industrial de reserva, onde só lhes sobra a segregação sócio-espacial (Monié, 2003;259).

Este impacto econômico verificou-se não apenas em Macaé, polo do complexo produtivo de petróleo e gás da Petrobras, mas propiciou, mesmo que em menor escala, impactos econômicos,

² *Offshore* diz respeito as atividades realizadas no mar, e *onshore* as atividades realizadas em terra.

³ Participações especiais: A participação especial é um importante mecanismo de arrecadação do governo para se apropriar de uma parcela da renda, oriunda da exploração e produção de petróleo e gás natural, de campos com grande volume de produção ou de grande rentabilidade. Ela foi criada através da Lei do Petróleo (Lei nº 9.478/97) que fixou como participações governamentais: os royalties, bônus de assinatura, ocupação ou retenção de área, além da própria participação especial. Dada a sua importante representatividade em valores, atingindo cerca de 50% do total geral de arrecadação entre as quatro participações citadas, podemos afirmar que é a que gera maior renda para o governo.

espaciais e sociais. Conforme Neto (2006a;9) o setor extrativista funciona como um epicentro de uma espécie de “ondas” de crescimento em outras atividades que terão efeitos para além deste município. Ou seja:

“O setor extrativista, além de gerar empregos diretos, atrai inúmeras empresas de apoio e prestadoras de serviços vinculados à exploração e produção de petróleo. Empresas essas de reposição de peças, de equipamentos, acessórios, entre outras. O aumento da atividade industrial faz aumentar o número de empresas, a circulação de pessoas e de capital, migrações para a região e aumenta a população. Tudo isto “esquenta” o setor da construção civil e o mercado imobiliário. Atraídos também pelas belas paisagens turísticas, casas, prédios residenciais e comerciais e redes de hotéis vêm sendo construídos com maior frequência, devido à alta demanda, principalmente em Macaé e nas baixadas litorâneas (Região dos lagos), extrapolando os limites da Região Norte Fluminense.” (Neto,2006a;10)

É interessante observarmos as áreas territoriais, bem como sua população atual, para entendermos como a implementação do complexo petrolífero em Macaé alterou toda a região Norte Fluminense e também os municípios limítrofes aos poços.

Assim, a Tabela 2 apresentada a seguir permite caracterizar a atual distribuição da população e a respectiva área territorial. De forma complementar, a Tabela 3 evidencia como o crescimento demográfico se deu ao longo do desenvolvimento das operações de E-P na região.

Tabela nº 2 - População e área territorial: Municípios da Região Norte Fluminense, 2008

Região Norte Fluminense e municípios	População	Área territorial (km²)
Campo dos Goytacazes	434.008	4.032
Carapebus	11.939	306
Cardoso Moreira	12.481	515
Conceição de Macabu	20.687	348
Macaé	194.413	1.216
Quissamã	19.878	716
São Fidelis	39.256	1.028
São Francisco de Itabapoana	47.832	1.111
São João da Barra	30.595	459
Região Norte Fluminense	811.089	9.731

Fonte: IBGE (2010), elaboração da autora

Tabela nº 3 - População e crescimento demográfico nos municípios do Norte Fluminense

Municípios	1991	2000	2007	2009	Tx anual 2000/1991	Tx anual 2007/2000	Tx anual 2009/2000
Macaé	94.126	132.461	169.513	194.413	3,48%	3,13%	3,91%
Quissamã	10.467	13.674	17.376	19.878	2,71%	3,04%	3,81%
Carapebus	6.769	8.666	10.677	11.939	2,50%	2,64%	3,26%
São Fr. do Itabapoana	33.358	41.145	44.475	47.832	2,12%	0,98%	1,52%
São João da Barra	26.203	27.682	28.889	30.595	0,55%	0,53%	1,01%
Campos	376.306	406.989	426.154	434.008	0,79%	0,58%	0,64%
Cardoso Moreira	-	12.199	12.206	12.481	-	0,01%	0,23%
Conceição de Macabu	16.963	18.782	19.479	20.687	1,02%	0,46%	0,97%
São Fidelis	34.581	36.789	37.477	39.256	0,62%	0,23%	0,65%

Fonte: Monié (2003) e IBGE (2007,2010), elaboração da autora

É importante ilustrar estas informações considerando também e em detalhe, a distribuição da população residente, conforme a Tabela 3. Nela, podemos evidenciar, comparando os maiores municípios da Região Norte Fluminense (Campos e Macaé), quanto à população residente, no período entre 1970 a 2009, cresceu e, apresentar as taxas anuais de crescimento da última década (intervalo 2000 a 2009).

Tabela nº4 - População residente em Campos e Macaé - 1970 a 2009

	Macaé	Tx anual 2009/2000	Campos	Tx anual 2009/2000
1970	65.318		318.806	
1980	75.863		348.542	
1991	100.895		389.109	
2000	132.461		406.989	
2001	136.145		410.220	
2002	140.466		413.445	
2003	144.207		416.441	
2004	152.063	3,91%	422.731	0,64%
2005	156.410		426.212	
2006	160.725		429.667	
2007	169.229		426.154	
2008	188.787		431.839	
2009	194.413		434.008	

Fonte: Confederação Nacional dos Municípios

Comparando as duas maiores cidades da região, Campos e Macaé, observamos que o crescimento populacional de Macaé se dá tanto de forma absoluta quanto relativa. Já em Campos, embora o município apresente crescimento absoluto, seu crescimento relativo cai. Quanto à concentração da população podemos afirmar que Macaé, embora em segundo lugar, vem aumentando esta concentração populacional mais que qualquer outro município da região

Consideramos para efeito de análise nesta pesquisa a taxa de crescimento após a lei que quebrou o monopólio nacional do petróleo, posto que podemos observar que Macaé cresceu muito mais que Campos, devido aos novos atores que se dirigiram para este município. Basta observar a tabela acima que veremos Macaé com uma taxa de crescimento anual (2000 a 2009) de 3,91% e Campos, embora apresente maior população absoluta, sua taxa de crescimento anual (2000 a 2009) é de 0,64%.

Outro dado que devemos observar é o **Índice de Qualidade dos Municípios**⁴ do estado do Rio de Janeiro é construído pela Fundação CIDE com base em sete critérios: centralidade e vantagem locacional (CEN), qualificação da mão de obra (QMA), riqueza potencial de consumo (RIQ), facilidades para negócios (FAC), infraestrutura para grandes empreendimentos (IGE), dinamismo (DIN) e cidadania (CID)⁵

Optamos por selecionar para análise os municípios da zona principal de produção por receberem os maiores valores de *royalties* e participação especiais.

⁴ O Índice de Qualidade Municipal tem o objetivo de construir um indicador que permita avaliar e comparar o potencial de desenvolvimento sustentável dos municípios do estado do Rio de Janeiro. A versão aferida com dados referentes a 2005 é a utilizada neste trabalho. Nader (2009)

⁵ O conceito desses critérios são:

- **Centralidade e vantagem locacional (CEN)** – a capacidade que possui o município de estabelecer vínculos com os mercados vizinhos, seja pela sua importância regional, seja pela sua localização geograficamente privilegiada. **Tem peso 10;**
- **Qualificação da mão de obra (QMA)** – padrão de formação educacional da população do ponto de vista da especialização e da profissionalização. Consideram-se o atual estágio e as condições apresentadas para sua evolução. **Tem peso 9;**
- **Riqueza potencial de consumo (RIQ)** – demonstra a riqueza existente no município, representada pela sua produção e pelo nível de rendimento de seus habitantes. **Tem peso 9;**
- **Facilidades para negócios (FAC)** – demonstra as facilidades existentes para a operação das empresas e seus funcionários. **Tem peso 8;**
- **Infraestrutura para grandes empreendimentos (IGE)** – demonstra a presença, no município, de condições favoráveis à implantação e à operação de empresas de grande porte. **Tem peso 8;**
- **Dinamismo (DIN)** – demonstra o dinamismo da economia local, representada pela existência de alguns serviços especializados e pelo nível de suas atividades. **Tem peso 7;** e
- **Cidadania (CID)** – representa as condições de atendimento às necessidades básicas da população do município (saúde, educação, segurança, justiça e lazer). **Tem peso 6** (Cide, 2006 apud Nader, 2009).

Tabela nº 5- Classificação dos municípios no Índice de Qualidade dos Municípios - IQM - Estado do Rio de Janeiro - 1998-2005

Municípios	1998		2005		Diferença 1998 - 2005
	Valor	Classifi- cação	Valor	Classifi- cação	
Armação dos Búzios	0,2402	40	0,3818	18	22
Cabo Frio	0,3919	11	0,4308	13	-2
Campos dos Goytacazes	0,4245	9	0,4585	9	0
Casimiro de Abreu	0,4705	6	0,4618	8	-2
Carapebus	0,1489	74	0,1595	69	5
Macaé	0,4789	5	0,6386	3	2
Quissamã	0,2309	45	0,3528	24	21
Rio das Ostras	0,3327	23	0,5189	6	17
São João da Barra	0,1512	73	0,1742	62	11

Fonte: Fundação CIDE

O Estado do Rio de Janeiro é composto por 92 municípios e, por este índice, observamos na tabela que aponta a alteração ocorrida nos municípios em um período de oito anos (1998 a 2005). Só diminuíram de qualidade de vida dois municípios, Cabo Frio e Casimiro de Abreu. Campos não alterou sua posição na relação estadual e os demais alteraram muito, aumentado na escala de qualidade através dos critérios utilizados pela Fundação CIDE. O município de nossa pesquisa alcançou o terceiro lugar no estado.

Contudo, observando os critérios percebemos claramente que este índice dão prioridade à questão empresarial. O atendimento as “questões sociais” tem o menor peso para o cálculo e, dos seis itens que fazem parte da composição do índice, apenas um, este de menor peso, diz respeito a direitos sociais e qualidade de vida dos habitantes da cidade.

De acordo com Oliveira (2003, p. 117-118) a influência da economia do petróleo determinou a formação de dois processos importantes na estruturação do território regional: o primeiro processo refere-se ao enorme impulso do setor imobiliário nos municípios da Baixada Litorânea e de Macaé decorrente da demanda por residências pela população de técnicos ligados à cadeia petrolífera, ou, no caso da primeira região, do transbordamento populacional da Região Metropolitana do Rio de Janeiro; o segundo processo é a possibilidade de modernização e diversificação da agricultura e a criação de uma base industrial ligada ao setor petroquímico nos municípios do Norte Fluminense. Dias (2007)

O mercado de trabalho formal no município de Macaé – 1995 -2008

O número de empresas localizadas em Macaé não para de crescer, principalmente as que atuam direta ou indiretamente no segmento de E-P. Este crescimento se deve a dois fatores: a quebra do monopólio, o que fez muitas empresas internacionais se fixarem em Macaé como também a associação de investimentos que a Petrobras participa com as operadoras internacionais.

Após 1997 os municípios do Norte Fluminense se beneficiaram muito com a nova repartição dos *royalties* do petróleo. Contudo, nas análises que passaremos a discorrer observa-se que tal aumento de recursos nos municípios não estão contribuindo de forma efetiva para amenizar a demanda para os problemas sociais.

Analisarmos a dinâmica do mercado de trabalho é um aspecto fundamental para que possamos entender as condições sociais da população, bem como entendermos como funcionou o crescimento

demográfico da região, o que nos possibilitará aferir as diversas formas, tanto do crescimento da estrutura produtiva quanto da forma que se preencheu os postos de trabalho.

Para entendermos o movimento do mercado de trabalho na região, no período que pretende esta pesquisa, 1998 a 2009, levantamos alguns dados quantitativos, para termos uma dimensão concreta pautada na realidade concreta, conforme nos ensinou Lênin.

Entendendo sempre que a análise da dinâmica do mercado de trabalho nos apontará quais as mudanças que se deu no mundo do trabalho. Os dados vem reforçar a ideia de “novo eldorado” pois tanto o número de empregos quanto o número de estabelecimentos tem crescido em todos os tipos de atividade econômica, com exceção da agropecuária.

Segundo a tabela n 7, podemos observar o comportamento do número de empregos por setor de atividade (agrupados).

Tabela nº 7 - Empregados em Macaé - Setor de Atividade Econômica (9 categorias)

Macaé	1985	1990	1995	2000	2005	2009
EXTR MINERAL	5.808	7.955	1.610	4.542	15.037	24.504
IND TRANSF	2.399	2.242	2.106	2.735	7.714	12.629
SERV IND UP	370	435	361	83	521	421
CONSTR CIVIL	1.205	1.435	2.023	4.470	8.407	9.279
COMERCIO	2.100	2.570	3.320	5.170	9.359	12.881
SERVICOS	5.053	6.292	7.236	17.278	27.407	38.945
ADM PUBLICA	1.049	1.521	5.401	3.291	5430	7.217
AGROPECUARIA	212	319	364	406	421	471
OUTR/IGN	87	990	248	0	0	0
Total	18.283	23.759	22.669	37.975	69.409	106.347

Fonte : RAIS/ MTE - elaboração da autora

O Setor que mais se destaca é o de prestação de serviços, contudo é interessante perceber que muitos estabelecimentos de pequeno e médio porte fornecedores da cadeia ou que estejam trabalhando para ou como subcontratados das grandes empresas do setor são classificados como prestadores de serviços, Fauré (2008;154), Chesnais (1996, p.185)

O comércio cresceu em função do que se denomina efeito da renda, posto que as empresas multinacionais e as de ponta, tem salários altos, e mesmo as empresas médias do setor petrolífero aquecem bastante o comércio local.

A construção civil, embora não apareça tão destacada, cabe uma ressalva quanto a muitas de suas empresas serem cadastradas nos órgãos de estatística como empresas de serviço.

Observem que a partir de 2000 os setores de extração mineral, construção civil e principalmente serviços crescem mais que os outros em termos absolutos e também relativo, não é casualidade. Em 1997 houve a lei do petróleo que quebrou o monopólio da Petrobras trazendo para a cidade várias empresas internacionais e nacionais, exigindo um incremento na construção civil e na parte de serviços, contudo segundo Silva Neto (2006) o setor de serviço destaca-se pelo apoio e auxílio às atividades extrativistas.

Houve uma alteração na classificação de empresas, que visa regular as condições de trabalho e o cumprimento de procedimentos, seguindo uma recomendação da Comissão Europeia de 2003.

Desta forma, passam a ser consideradas como:

- a. Microempresas, as que empreguem menos de 10 trabalhadores,
- b. Pequenas empresas, as que empreguem entre 10 e 49 trabalhadores,

- c. Médias empresas, as que empreguem entre 50 e 249 trabalhadores,
 d. Grandes empresas, as que empreguem 250 ou mais trabalhadores.

Por este critério, observamos em Macaé, segundo a tabela nº9 o tamanho dos estabelecimentos e a quantidade das respectivas nomenclaturas, sendo que estas servem para diferenciar a questão tributária das empresas, favorecendo ou não a contratação de um maior número de trabalhadores.

TABELA Nº 8 - Tamanho do estabelecimento - Macaé_ empregados ativos em 31/12 (10 categorias)

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Nenhum vínculo ativo	244	263	275	297	312	281	359	355	347	300	367
Até 4 vínculos ativos	1.269	1.323	1.413	1.460	1.493	1.607	1.718	1.789	1.837	1.907	1.928
De 5 a 9 vínculos ativos	294	339	359	377	450	500	537	562	605	614	675
De 10 a 19 vínculos ativos	147	155	188	209	258	309	322	349	376	399	427
De 20 a 49 vínculos ativos	89	103	127	155	179	182	201	237	248	288	312
De 50 a 99 vínculos ativos	45	55	55	56	79	84	81	86	94	111	112
De 100 a 249 vínculos ativos	40	30	38	43	43	61	69	72	78	67	82
De 250 a 499 vínculos ativos	8	16	25	25	29	24	22	26	29	34	30
De 500 a 999 vínculos ativos	3	5	5	10	11	8	13	14	14	20	23
1000 ou mais vínculos ativos	3	2	2	5	4	4	5	6	11	11	14
Ignorado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	2.142	2.291	2.487	2.637	2.858	3.060	3.327	3.496	3.639	3.751	3.970

Fonte MTE (RAIS) , Elaboração pela autora

Pelo critério estabelecido podemos fazer uma comparação entre os anos de 1998 e 2008, mesmo sabendo que o critério em 1998 era outro, contudo, percebemos o crescimento da grande empresa, em função da quebra do monopólio da prospecção do petróleo e a chegada das multinacionais:

TABELA Nº 9 PERCENTUAL DE CRESCIMENTO POR TAMANHO DE EMPRESA– 1998-2008

Tamanho das empresas (número de trabalhadores)	1998	2008	% de crescimento
microempresas (até 9 trabalhadores)	1807	2970	64%
pequenas empresas (de 10 a 49 trabalhadores)	236	739	213%
médias empresas (de 50 a 249 trabalhadores)	85	197	132%
grandes empresas (acima de 250 trabalhadores)	14	67	379%

Fonte: MTE (RAIS), elaboração da autora

Tanto em Macaé quanto em Campos, as duas maiores cidades da região, o fato do setor de serviço ter se destacado condiz com o período de precarização no mercado de trabalho, e com a nova forma de acumulação do capital, a “acumulação flexível”, que só foi possível devido às transformações radicais do mercado de trabalho. Os contratos de trabalho tornaram-se mais flexíveis. Os direitos trabalhistas são reduzidos em todas as partes do mundo onde há produção industrial e serviços. Há o aumento da fragmentação da classe trabalhadora. Desenvolve-se uma estrutura produtiva mais flexível: empresas terceirizadas, profissionais por conta própria, subcontratações, trabalhos temporários, informais, etc.

Contudo, grandes excedentes de trabalhadores precarizados são criados, gerando com isto uma classe de trabalhadores mais heterogênea, Conforme Antunes (2001):

“Estas mutações criaram, portanto, uma classe trabalhadora mais heterogênea, mais fragmentada e mais complexificada, dividida entre trabalhadores qualificados e desqualificados, do mercado formal e informal, jovens e velhos, homens e mulheres, estáveis e precários, imigrantes e nacionais, etc., sim falar nas divisões que decorrem da inserção diferenciada dos países de seus trabalhadores na nova divisão internacional do trabalho.”

A PETROBRAS se utiliza da prática de contratação de terceirizados para quase todos os setores, inclusive isto é apontado por especialistas como um sério problema para segurança, pois os serviços

requerem especialização e, o ímpeto do Capital lucrar a qualquer custo faz com que nem sempre seja contratado o profissional mais adequado e sim o mais barato.

Mattoso (1995), Antunes (1998) apontam para a ampliação das relações precárias de trabalho da crescente massa de trabalhadores que são excluídos da “formalidade”. Seria a intensificação da subproletarização e o surgimento de um pequeno núcleo com alta qualificação, garantia de emprego, postos de trabalho flexíveis e outras vantagens.

Com tudo que foi apontado, podemos perceber que há um alto grau de fragmentação entre os trabalhadores. Conforme Antunes(2001) temos, cada vez mais uma classe trabalhadora mais heterogênea, dividida em trabalhadores qualificados e desqualificados, formal e informal. Tudo isto só corrobora para intensificar as diferenciações de inserção, dos países, na nova divisão internacional do trabalho.

Considerações finais

Pelo exposto, percebemos que o município de Macaé está integrado ao modelo de desenvolvimento desigual, com empresas multinacionais e ao mesmo tempo com grande número de mão de obra com contratos terceirizados, que se constitui como temporários, por isto que entram na estatística do Ministério do Trabalho e Emprego, com jornada de trabalho reduzida. A concentração de renda é alta, gerando uma cidade partida pois os moradores locais não tem qualificação para os postos de trabalho que são oferecidos.

Mesmo havendo uma alta circulação de capital na região, e principalmente em Macaé, a cidade não foi preparada para “aproveitar” esta situação.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo(1998) . *Adeus ao Trabalho*. São Paulo: Cortez

_____. *As metamorfoses do mundo do trabalho*.(2001) In: GOMES, Álvaro org. O trabalho no século XXI: Considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi.

ARAÚJO, Tânia B. (1993)*A experiência de planejamento regional no Brasil*. In: LAVINAS, CARLEIAL & NABUCO (org.). Reestruturação do espaço urbano e regional do Brasil. São Paulo: ANPUR: Ed. HUCITEC

BEHRING, Elaine Rossetti. (2003).*Brasil em Contra-Reforma. Desestruturação do Estado e perda de direitos*. São Paulo: Cortez.

CHESNAIS, François(1996). *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã

CRESPO, N.E.(2003). *Campos dos Goytacazes perde a corrida do petróleo*. IN: PIQUET, R. (org). *Petróleo, Royalties e Região*. Rio de Janeiro, Garamond

CRUZ, José Luis Vianna(1986). *Análise do perfil ocupacional da população de baixa renda de Campos/RJ*. Textos apresentados no Seminário Acumulação e Pobreza em Campos: uma região em debate. PIQUET, Rosélia (org). Edições PUBLIPUR/UFRJ. Rio de Janeiro, série monográfica, no. 3

_____. *Mercado de trabalho e exclusão em Campos/RJ*. (1992) Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro, v.18, nº3,p.159-178

_____. TERRA, Denise,(1997) C. T. *Estudos das tendências de desenvolvimento regional*.Campos dos Goytacazes/RJ: CEFET

_____. *Desenvolvimento do norte/noroeste fluminense: problematizando o consenso*.(1997) Revista Vértices, Campos/RJ, ano 1, nº 1.p.27-36

_____. *Trabalho, renda e desenvolvimento local: algumas questões*. (2001)Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro, v.27, nº1,p.16-25

_____. *Emprego, crescimento e desenvolvimento econômico: notas sobre um caso regional*. (2003). Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro, v.29, nº1,p.28-39, jan./abr.

_____. *Projetos nacionais, elites locais e regionalismo: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense* (2003).Tese de doutoramento apresentada ao Programa de pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, IPPUR, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ.

DIAS, Robson Santos; SILVA NETO, Romeu. Impactos ambientais causados pela instalação da cadeia produtiva do petróleo e gás e pelo crescimento populacional em Macaé-RJ. Rio de Janeiro, 2005, Anais do VIII Encontro Nacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente, CD-ROM.

_____. O arranjo produtivo do setor de petróleo e gás natural em Macaé: uma análise do ambiente institucional. (2009),Dissertação de mestrado no P.P.G. Geografia. UFRJ.

DRUCK, Maria da Graça.(2001) *Terceirização: (des)fordizando a fábrica: Um estudo do complexo petroquímico*. Coleção Mundo do Trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial

FAURÉ, Yves-A; HASENCLEVER, Lia.(2004). *As transformações das configurações produtivas locais no Estado do Rio de Janeiro: instituições, interações, inovações*. Relatório de Pesquisa. IE-UFRJ, (mimeo)

_____; _____. SILVA NETO, Romeu(2008). *Novos rumos para a economia fluminense: oportunidades e desafios do crescimento do interior*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais

HARVEY, D.(1992).*A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola

_____. (2005)*A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume,

MATTOSO, Jorge.(1995) *A desordem do trabalho*. São Paulo: Scritta

MONIÉ, Frederic. *Petróleo, industrialização e organização do espaço regional*.(2003) In: PIQUET, Rosélia (org.). *Petróleo, Royalties e Região*. Rio de Janeiro: Garamond.

MOTA,Ailton; PONTES, Carla e all.(2007) *Impactos socioeconômicos e espaciais da instalação do polo petrolífero em Macaé*, RJ (289-318). In: SERRA, Rodrigo; PIQUET, Rosélia (org.): *Petróleo e Região no Brasil: O desafio da abundância*. Rio de Janeiro: Garamond,.

NADER, Glauco Lopes.(2009) O posicionamento estratégico de Macaé no desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

NETO, Romeu Silva.(2006) Indústria e desenvolvimento na região Norte Fluminense: crescimento econômico e o problema da heterogeneidade econômico-espacial no Estado do Rio de Janeiro. In CARVALHO, Ailton Mota de, e TOTTI, Maria Eugenia F. (orgs.). Formação História e econômica do Norte Fluminense. Rio de Janeiro: Garamond.

OLIVEIRA, Floriano J. G(2003). Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense. Tese de doutoramento do programa de pós-graduação em Geografia Humana, FFLCH/Departamento de Geografia/USP. São Paulo

PIQUET, Rosélia.(2003) Da cana ao petróleo: uma região em mudança. In: PIQUET, Rosélia (org.). Petróleo, *Royalties* e Região. Rio de Janeiro: Garamond.

SERRA, Rodrigo V.(2004) Sobre o advento dos municípios “novos ricos” nas regiões petrolíferas nacionais. In: PESSANHA, Roberto M.; SILVA NETO, Romeu (orgs.). Economia e Desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos *royalties* do petróleo. Campos dos Goytacazes: WTC Editora

SILVA NETO, Romeu.(2006) Indústria e desenvolvimento na região Norte Fluminense: crescimento econômico e o problema da extrema heterogeneidade econômico-espacial no Estado do Rio de Janeiro. In CARVALHO, Ailton M.; TOTTI, Maria Eugenia F. (orgs.). Formação histórica e econômica do Norte Fluminense. Rio de Janeiro: Garamond,

TERRA, D. A (2003) formação de um cluster petrolífero nos municípios da Bacia de Campos. In: PIQUET, Rosélia (org.). Petróleo, *Royalties* e Região. Rio de Janeiro: Garamond.